

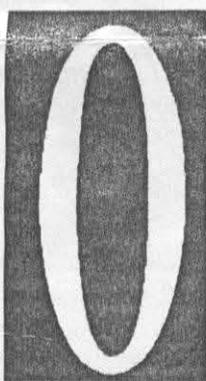
Reportagem

Quem são esses Cafuzos?

O antropólogo Pedro Martins esclarece no trabalho que publicamos a seguir, quem são os Cafuzos que convivem com os Xokleng (ele usa esta grafia para o plural), da reserva indígena de José Boiteux, personagens da reportagem que publicamos na edição do Santa, de 13 de maio.

Martins é um especialista. Conviveu com a comunidade durante dois anos. Morou sete meses na aldeia do rio Platê. Tem pesquisas, informações históricas e uma tese de mestrado sobre os Cafuzos. Neste trabalho ele fala também do sonho que a comunidade teve de consentir uma reserva para as famílias cafuzas.

Pedro Martins



O projeto inicial da Reserva Caluza, apresentado pela comunidade ao Incra, em fevereiro de 1990, foi aprovado em abril do mesmo ano. Em julho de 1991 uma área de terra de 661,5 hectares foi apontada pelo Incra como alternativa para o

assentamento de 40 famílias (as 22 que ainda vivem no Platê e outras 18 das 28 que se encontram dispersas pela Área Indígena Ibirama ou fora dela). O "Imóvel Rio do Norte", como é conhecida a área apontada para o assentamento, está localizado no município de Rio dos Cedros, no alto da Serra Geral, a cerca de 900 metros de altitude, e encontra-se atualmente ocupado por cinco famílias assentadas pelo Incra em 1989.

A Comunidade Cafuza é constituída por uma única família extensa onde todos os membros descendem de Jesuíno Dias de Oliveira e Antônia Lotéria (ele negro, ela índia de nação desconhecida), cujo casamento ocorreu no Planalto Catarinense por volta de 1880. Após participar da Guerra do Contestado (1912-1916) a família de Jesuíno fugiu do Planalto descendo a Serra Geral e se embrenhando nos sertões da Serra do Mirador — Alto



Misticismo e magia: a prática da benzedura é comum entre índios e Cafuzos. Vitalina é tida como uma benzedeira de mão milagrosa

Vale do Itajaí do Norte.

A entrada do grupo na área indígena aconteceu no ano de 1947, e foi promovida pelo então administrador do posto indígena Eduardo de Lima e Silva Hoerhan. Hoerhan, funcionário do SPI (mais tarde Funai), aproveitou-se do conflito entre uma empresa colonizadora e os Cafuzos e os convenceu a ingressarem nas terras indígenas para "ensinarem" os índios a trabalhar em troca do Vale do Rio Platê — que passaria a ser propriedade do grupo. A relação que se seguiu, na verdade, foi de exploração dos Cafuzos como mão-de-obra barata ou forçada, produzindo consequências bastante graves. Os administradores do PI só desistiram dessa prática em 1990, após várias denúncias publicadas pela imprensa regional e nacional.

AS BARRAGENS E CONFLITOS

Em 1974, o governo federal iniciou a construção de uma barragem sobre o rio Itajaí do Norte e desapropriou grande parte das terras produtivas da área indígena. Esta desapropriação forçou o reassentamento das famílias Xokleng, que se mudaram das margens do Itajaí do Norte para outras localidades, principalmente para região do Platê — até então ocupada exclusivamente pela Comunidade Cafuza.

Com a proximidade forçada e outras mudanças ao nível econômico, os Cafuzos passaram a ser explorados também por algumas lideranças indígenas, que se aproveitaram da sua condição de "intrusos" para exigir mão-de-obra barata ou gratuita — imitando assim o procedimento dos funcionários federais na área.

A exigüidade do território ocupado conjuntamente pelos dois grupos, somado às

dificuldades de sobrevivência e diferenças étnicas, levou ao surgimento de conflitos entre Xokleng/Kaingang e Cafuzos, fazendo aflorar no cotidiano das comunidades as tensões provocadas pela sociedade envolvente. Estes conflitos se agravaram no decorrer dos anos atingindo limites intoleráveis. Como os Cafuzos não são proprietários da terra, sempre lhes coube o maior ônus nesses conflitos. Além disso, o tratamento dado a estes fatos por parte dos órgãos públicos diretamente envolvidos (Funai e DNOS, principalmente) é lastimável.



Lava roupa todo o dia... dos Cafuzos e dos índios

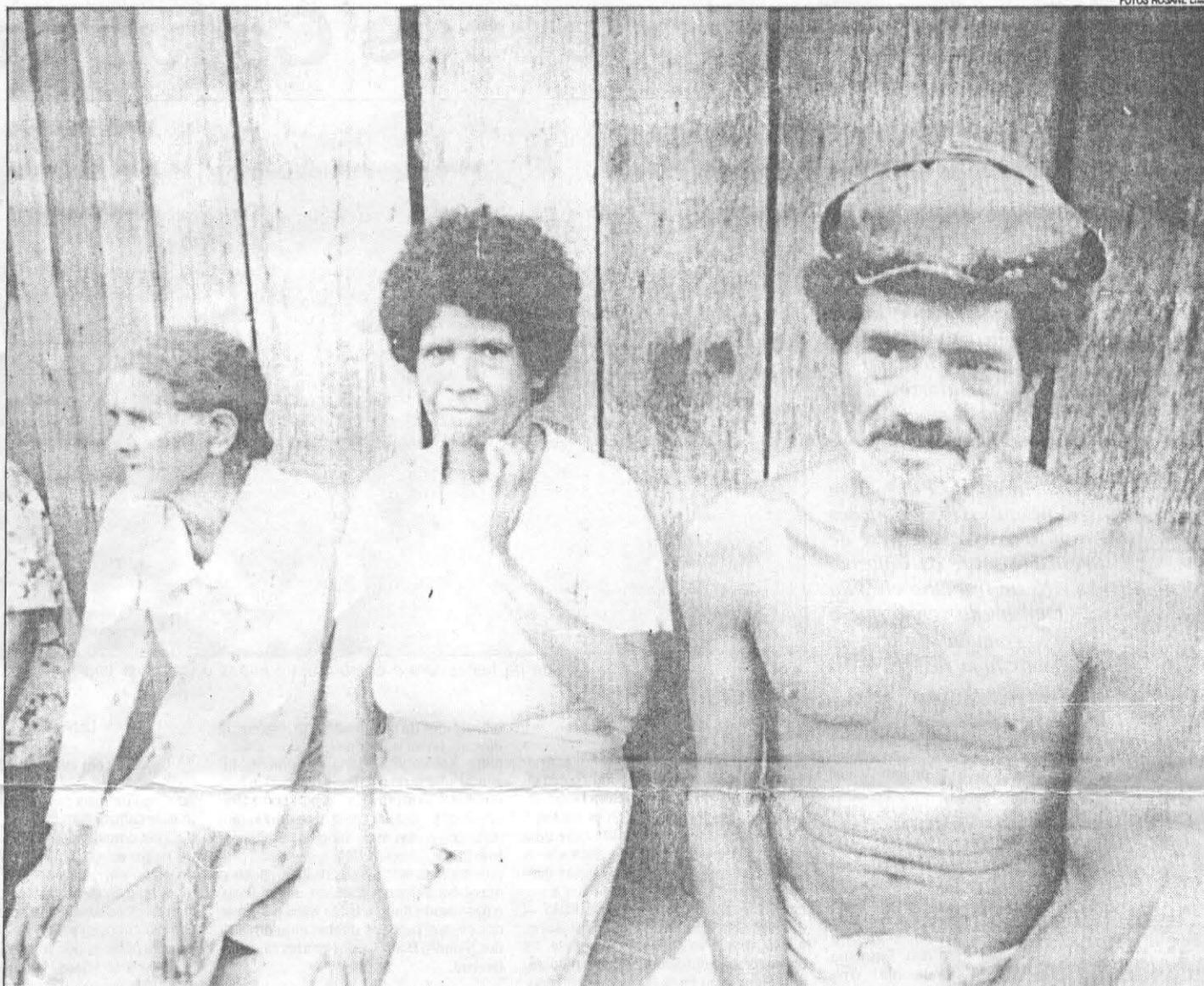
UMA ETNIA

Cafuzo, com inicial maiúscula, representa uma identidade étnica, construída ao longo de mais de cem anos, e que difere de cafuzo, com inicial minúscula, que designa o resultado da miscigenação entre negro e índio (que também é o caso do grupo em questão).

A religião dos Cafuzos nada tem a ver com religiões africanas. O catolicismo rústico (ou caboclo) praticado pelo grupo incorpora práticas dos imigrantes açorianos e não dos africanos. Isto pode ser explicado pelo processo de migração dos antigos escravos e pelas condições de trabalho a que foram submetidos na Região Sul, estes e seus descendentes.

Conceitualmente não se pode falar em "regime escravocrata" com respeito às relações entre índios e Cafuzos, embora estejam presentes muitos elementos de opressão, repressão e submissão.

Todos os Cafuzos descendem (por sangue ou afinidade) de Jesuíno Dias de Oliveira e Antônia Lotéria e são, portanto, todos parentes. Como os Cafuzos preferem o casamento endogâmico (dentro do grupo) são freqüentes os casamentos entre primos em segundo grau e mesmo entre primos em primeiro grau (primo-irmão). No entanto, este fato, por si só, não é responsável pelo surgimento de anomalias — como acredita o senso comum. Apesar de 80% de todos os Cafuzos serem portadores de algum tipo de anomalia — sendo 10% anomalias graves, o levantamento da história de vida dos principais integrantes do grupo indica que tais anomalias devem ser consequência de dois fatores básicos: a) o stress psicossocial provocado por longos períodos de tensão e exposição à vio-



Índios e Cafuzos são tidos como indolentes. Adoram permanecer horas e horas sentados na beira do rancho

lência, comuns nos últimos cem anos de história do grupo; b) a fome crônica a que foi condenada a maior parte do grupo, especialmente durante a administração de Eduardo Hoerhan, mas também em períodos recentes.

Os Cafuzos freqüentam a escola do Posto Indígena há mais de 35 anos. Apesar disso, até 1989 nenhum Cafuzo havia conseguido completar a 2ª série do 1º grau. Os motivos são muitos, mas os principais são a distância entre o Cafuzeiro (a Aldeia Cafuzo) e a escola — em tempos mais distantes, e a situação de atrito entre índios e Cafuzos — nos tempos mais recentes. O Cacique Cafuzo João de Jesus, no entanto, é alfabetizado e costuma inclusive escrever cartas.

A MATRIARCA

Vitalina Souza Prestes nasceu em maio de 1908, conforme consta em sua carteira de identidade fornecida pela Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina, e tem, portanto, 84 anos. Ela ti-

nha quatro anos de idade quando aconteceu a Batalha do Itani — que marcou o início da Guerra do Contestado, e contava em torno de nove anos quando o grupo fugiu do Planalto ao final da guerra. É a última sobrevivente da guerra entre os Cafuzos, mas sua lucidez permite a reconstituição dos principais fatos ligados ao final da guerra e à sobrevivência no sertão, naqueles primeiros anos. Vitalina foi casada com Alzemiro Machado (que não era seu parente), falecido em 1985, com quem teve 11 filhos — cinco dos quais portadores de anomalias graves. Vitalina, assim como a maioria dos Cafuzos, normalmente não toma café porque não possui os recursos necessários para adquiri-lo.

O atual Cacique Cafuzo, João de Jesus, foi eleito em Assembléia Geral da Comunidade em 13 de maio de 1989 e seu mandato, conforme consta no estatuto da Associação Comunitária do Povo Cafuzo — fundada na mesma data, é por tempo indeterminado, podendo ser substituído a qualquer momento. João de Jesus substituiu o antigo Cacique Joaquim Machado,

que havia permanecido no cargo por 30 anos e não dispunha de saúde para continuar.

Muitos problemas impedem o reassentamento da Comunidade Cafuzo. Aqui alguns deles.

1) A desorganização generalizada no governo federal impede uma ação mais efetiva do Incra no sentido de regularizar a situação das cinco famílias, atualmente ocupantes do imóvel Rio do Norte e realizar a sua demarcação. Os recursos para o assentamento sob responsabilidade do Incra também não estão disponíveis.

2) A área à disposição dos Cafuzos é identificada como mata atlântica. Apesar de estar com mais de 60% de sua vegetação devastada, a ocupação do imóvel depende de projeto regulamentado pelo Ibama — órgão do governo federal também envolvido pelas limitações já citadas.

3) A remoção dos Cafuzos é consequência da construção da Barragem Norte — obra realizada pelo governo federal através do DNOS e atualmente sob responsabilidade da Secretaria de Desenvolvimento

Regional — SDR. As novas casas para os Cafuzos deverão ser construídas pela SDR — que não quer tomar conhecimento do caso. Instada a acionar a SDR a procuradora da República (em reunião realizada na sede do Ibama em 4/9/91) mostrou-se descrente sobre as possibilidades de tal "convencimento" e até o momento a ação não foi concretizada.

4) Os responsáveis pela Funai se declaram solidários com o problema dos Cafuzos mas não fazem pressão sobre o resto do governo para que o problema seja resolvido.

5) O prefeito de Rio dos Cedros tem tentado abortar o projeto de assentamento dos Cafuzos no município de diversas maneiras, mas deixa claro que seus motivos estão embasados em preconceito racial quando afirma, em correspondência enviada ao superintendente do Incra em agosto de 1991, que "do ponto de vista sociológico, a Comunidade de Rio dos Cedros e a Comunidade Cafuzo não possuem afinidade".